



VOLUME 15, NÚMERO1
Janeiro-Julho 2019



VOLUME 15, NÚMERO1
Janeiro-Julho, 2019

GÊNERO E ESPORTE: ANÁLISE DE REPORTAGENS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO DE JANEIRO

Vitória Teixeira Cabral¹, Vagner Matias do Prado²

1- Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia/MG. Integrante do GPESP - Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividade – vitoriatcabral@hotmail.com

2- Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia/MG. Doutor em Educação pela UNESP (FCT/UNESP) – vmp_ef@yahoo.com.br

RESUMO

Representações de machismo e sexismo ainda são fortemente visíveis na sociedade, sendo que o esporte também é atravessado por tais práticas. O objetivo do presente trabalho foi compreender de que maneira a mídia esportiva retratou a performance de mulheres atletas durante a edição dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. A pesquisa se caracterizou pela abordagem qualitativa do tipo documental e o *corpus* empírico foi constituído por três reportagens da mídia esportiva compiladas pelo *web jornal El País-Brasil*. Os resultados foram analisados a partir da elaboração de três categorias: relação entre estética corporal e performance, justificativa para seus desempenhos pela ótica masculina e comparação de suas atuações com atletas homens. A partir dos resultados, percebe-se que a representação da mídia sobre a participação de mulheres atletas nos Jogos Olímpicos no Brasil (re)produz o machismo e a misoginia. Nota-se que há uma subjugação da mulher no âmbito esportivo, seja por meio

de ridicularização de seu corpo, comparação com o masculino ou colocando-a à sombra do homem.

Palavras-chave: Esportes. Gênero. Sexismo. Jornalismo.

GENDER AND SPORT: ANALYSIS OF REPORTS ON THE PARTICIPATION OF WOMEN IN THE OLYMPIC GAMES IN RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

Representations of male chauvinism and sexism are still strongly visible in society and the sport as a social phenomenon is also traversed by such practices. That being, the objective of the present work was to understand how the sports media portrayed the performances of women athletes during the edition of the Rio de Janeiro Olympic Games in 2016. The research was characterized by the qualitative approach of the documentary type and the empirical corpus was constituted by three reports published in the web newspaper *El País-Brazil*. The results were analyzed through the elaboration of three categories: relationship between body aesthetics and performance, justification for their performances from the male perspective and comparison of their performances with male athletes. From the results, we can see that the hypothesis that the media representation about the 2016 Olympic Games in Brazil (re)produces male chauvinism and misogyny because, from the analysis of the reports, it was noticed that there is a subjugation of the woman in the sports sphere, either by means of ridicule of his body, comparison with the masculine or placing it in the shadow of the man.

Keywords: Sports. Gender. Sexism. Journalism.

GÉNERO Y DEPORTES: ANÁLISIS DE INFORMES SOBRE LA PARTICIPACIÓN DE LAS MUJERES EN LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE RIO DE JANEIRO

RESUMEN

Las representaciones del machismo y el sexismo son todavía muy visibles en la sociedad, y el deporte también es atravesado por tales prácticas. El objetivo del presente estudio fue comprender cómo los medios deportivos describieron el desempeño de las atletas durante la edición de los Juegos Olímpicos en Río de Janeiro en 2016. La investigación se caracterizó por el enfoque cualitativo del tipo documental y el cuerpo empírico consistió en tres Informes de los medios deportivos recopilados por el diario *El País-Brasil*. Los resultados se analizaron a partir de la elaboración de tres categorías: relación entre estética corporal y rendimiento, justificación de su desempeño por parte de la óptica masculina y comparación de su desempeño con atletas masculinos. A partir de los resultados, se observa que la representación de los medios en la participación de mujeres atletas en los Juegos Olímpicos de Brasil (re) produce machismo y misoginia. Se observa que hay una subyugación de mujeres en los deportes, ya sea a través de

Palabras clave: Deportes. Género. Sexismo Periodismo.

1 INTRODUÇÃO

O esporte é uma invenção humana atravessada por diversas relações socioculturais. Dentre essas relações, podemos problematizá-lo a partir da ótica dos estudos de gênero para saber qual a visibilidade e como a mulher atleta é representada

nesse cenário. O artigo tem como objetivo compreender de que maneira a mídia esportiva retratou a performance de mulheres atletas durante a edição dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

A preocupação expressada pela presente investigação soma esforços com estudos que problematizam a produção social de diferentes formas de violência contra a mulher. Os estudos que pretendem enfatizar essas formas de violência muitas vezes alocam como causas estruturantes desses processos o machismo e o sexismo presentes nas sociedades ocidentais (PROCÓPIO; VALENÇA, 2016; BELTRÃO; ALVES, 2009).

O estudo pretende contribuir para a problematização das relações de gênero existentes no esporte e desvelar como mulheres atletas são representadas pela mídia esportiva. O trabalho intenciona contribuir para os estudos de gênero ao ampliar o alcance operacional da área da Educação Física/Espportes com essa categoria analítica. Além disso, cabe destacar que, conforme sinalizam Garcia e Pereira (2018), as pesquisas sobre mídia e performance “feminina” são escassas, sobressaindo-se às relacionadas aos homens.

Para organizar as problematizações propostas, após esta introdução apresentaremos uma discussão conceitual sobre machismo, gênero, mídia esportiva e atuação da mulher atleta. Posteriormente, explicitamos os resultados e discussão a que fomos direcionados. Por fim, as considerações finais em atenção ao objetivo estabelecido.

Gênero, machismo e seus impactos na representação midiática sobre mulheres atletas

De acordo com Hirata, Laborie, Doaré e Senotier (2009, p. 178), o termo "sexismo" nos remete a pensar no processo de "dominação masculina", que é exercido “na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos” (WELZER-LANG, 2001, p. 461). A partir dessa perspectiva, são atribuídas funções prestigiosas aos homens e tudo relacionado ao masculino, e às mulheres, tarefas subjugadas.

Quando nos referimos ao machismo, temos como um primeiro significado a noção de "opressão das mulheres" (HIRATA; LABORIE; DOARÉ; SENOTIER, 2009, p. 178). Já segundo Drumont (1980, p. 85, destaques da autora), "o machismo é definido como um sistema de *representações simbólicas*, que mistifica as relações de

exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher". Para Castañeda (2006, p. 16), tal prática se configura como:

[...] um conjunto de crenças, atitudes e condutas, que repousam sobre duas ideias básicas: por um lado, a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes.

Sexismo e machismo são ambos termos que nos remetem a problematizar as relações de desigualdades entre homens e mulheres produzidas pelo contexto social. São produções culturais que se ancoram nas assimetrias instituídas pelas relações de gênero e que contribuem para a subjugação da mulher e do que é considerado como feminino.

Segundo Scott (apud LOURO, 1997, p. 31), homem e mulher são vistos como "polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão", sendo o primeiro termo sempre considerado superior ao segundo. Esta visão permite criar diferenciações sociais entre os gêneros e hierarquizar os sujeitos a partir da perspectiva androcêntrica, ou seja, o homem considerado como centro do universo (MORENO, 1999).

Cabe ressaltar que, quando trabalhamos conceitualmente com o termo gênero, não estamos nos referindo a sexo:

[...] o termo 'gênero' torna-se uma forma de indicar 'construções culturais' - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres (SCOTT, 1995, p. 75 destaques da autora).

Dessa maneira, o conceito de gênero opera na desconstrução da ideia de que homens e mulheres possuem "papéis" definidos em decorrência de seus sexos¹. Essa forma de pensamento coloca o homem em posição superior em relação à mulher e contribui para a construção de várias formas de opressão e violência contra as mulheres e homens dissidentes da masculinidade hegemônica, subjugando o considerado como feminino. Tais discussões são recorrentes na área dos estudos de gênero.

Atualmente, a produção científica relacionada aos estudos de gênero ancora suas análises em estudos de inclinação pós-estruturalista, colocando em cheque as

¹ Termo utilizado em referência aos aspectos biofisiológicos de um corpo.

“verdades” estabelecidas pelas teorias tradicionais (CARDOZO, 2014). Nesse sentido, o conceito de gênero torna-se uma importante ferramenta analítica para compreender que a própria noção de sujeito ou de corpo não se estabelece por uma verdade biologicamente determinada (BUTLER, 2003). Antes, por um processo cultural no qual a nomeação, classificação e hierarquização de corpos por meio de marcadores sociais como o gênero, sexualidade, cor, etnia, classe etc. produzem regimes de compreensão de mundo que inferiorizam corpos não atendentes ao padrão de normalidade estabelecido.

O Pós-Estruturalismo poderia ser considerado como uma corrente de pensamentos que provoca brechas nos modos tradicionais de se pensar a ciência e os processos de constituição dos sujeitos. Trata-se de uma operação intelectual anti-essencialista e que toma a subjetividade como foco de atenção (CARDOZO, 2014).

Todavia, cabe ressaltar que a noção de subjetividade, para o “questionar” pós-estruturalista, é intrinsecamente relacionada aos regimes de verdade construídos pelos discursos sociais que são legitimados por algumas instituições (ciência, religião, sistema jurídico, pedagogia etc.). Para a proposta, os discursos universais e generalizantes sobre os sujeitos devem ser colocados em suspeição para que possamos exercitar a compreensão de como as práticas discursivas e instituições fabricam determinados modos de vida.

É a partir dessa perspectiva que as representações ganham importância. Mais do que elaborar um esquema mental para “ler” a realidade, as representações (constituídas pelos discursos) nos constroem como sujeitos sociais e acionam processos de hierarquização, validação de vidas e exclusão/violências. Assumimos a partir desses pressupostos, e para os propósitos deste artigo, que o gênero se torna uma importante ferramenta de produção de corpos que garante legitimidade social para algumas vidas e práticas e gerencia os corpos de mulheres atletas, uma vez que a representação esperada para elas não seria a de ocupação da esfera pública e com “qualidades” que masculinizariam o sujeito. A partir do momento em que a sociedade acredita e age de acordo com a visão binária de que a mulher é inferior ao homem e deve se submeter às vontades dele, o machismo se torna uma forma de violência.

Segundo o site do Senado Federal², a violência contra a mulher se constitui por “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento

² Cf. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada” (BRASIL, 2006, p. 1)³.

Como explicitado, existem diversas maneiras de se reproduzir o machismo: violência física, verbal, psicológica etc. Um exemplo que explicita tais formas de agressão são as diversas reportagens veiculadas por meios de comunicação que apresentam conteúdos depreciativos sobre a mulher. Vários autores citam a mídia como um meio de opressão e dominação do corpo feminino (WOLF, 1992; VIGARELLO, 2006; RISCADO; PERES, 2008), o que gera um impacto negativo, principalmente, na vida das mulheres (CONTI; BERTOLIN; PERES, 2010).

A respeito do conceito de mídia, Guazina (2007) deixa claro que ainda não há uma definição para esse termo. Porém, ele pode ser compreendido como um “conceito-ônibus, que carrega sentidos ligados ao passado de mero instrumento, canal ou meio de comunicação” (GUAZINA 2007, p. 62). E, ainda, que "pode significar uma ampla gama de fenômenos, acontecimentos e transformações que envolvem a política, o jornalismo, a publicidade, o marketing” (GUAZINA 2007, p. 55).

As desigualdades entre homens e mulheres podem ser observadas em diversos espaços sociais, inclusive no campo de atuação profissional, sendo que a mídia, em muitos casos, reverbera essas relações. Não raro, mulheres atletas são alvos de comentários depreciativos, erotizados ou que utilizam o homem como medida para avaliar suas performances.

O esporte de alto rendimento é um fenômeno cultural e, por isso, não está isento de demonstrações de preconceitos. Mulheres atletas sofrem com o machismo e a misoginia que se estabelecem nas diferentes modalidades esportivas (GOELLNER, 2007a; MOURÃO, 2000). Tais manifestações de preconceitos e violências contra mulheres que ascendem ao cenário esportivo também são denunciadas ou reproduzidas pela mídia dita esportiva.

O esporte foi criado pelos homens e apenas para homens (PFISTER, 2003). Todavia, as constantes modificações sociais, entre elas, as lutas por representação, possibilitaram com que as mulheres reivindicassem o esporte como meio de expressão e profissionalização. Cada vez mais mulheres começam a praticar esportes, a ponto de

³ Cabe destacar que o termo gênero não faz referência direta à mulher. Antes, aos processos socioculturais de produção, hierarquia e exclusão de masculinidades e feminilidades.

se tornarem atletas profissionais com visibilidade em diferentes competições, inclusive nos Jogos Olímpicos.

Apesar de terem conquistado espaço nesse meio, não ganharam, necessariamente, o mesmo respeito e visibilidade que os homens. Alguns estudos apontam que mulheres atletas sofrem diversos tipos de adjetivações preconceituosas sobre seus corpos e atuações (JAEGER, 2006; GOELLNER, 2016; MOURÃO, 2000). Isso não se aplica apenas a mulheres atletas, mas também a toda representação feminina que circula nas relações sociais estabelecidas pelo esporte, como, por exemplo, mulheres que compõem equipes técnicas, de arbitragem, consumo de equipamentos esportivos e/ou como telespectadoras e atletas trans⁴ (LISTON, 2006; PRADO; NOGUEIRA, 2018).

As problematizações acerca das relações entre gênero e esporte ganham cada vez mais destaque em estudos nacionais e internacionais. Liston (2006), ao estudar a visibilidade de atletas irlandesas demonstra que mesmo com conquistas em importantes eventos, elas partilham de uma baixa visibilidade em relação a suas performances e, não raro, têm questionadas suas feminilidades e orientação sexual.

Wanneberg (2011) destaca que na Suécia, a partir dos anos 2000, construiu-se uma preocupação governamental sobre o processo de sexualização dos espaços públicos. Nesse contexto, a autora aponta que no cenário do esporte performance a objetificação e sexualização do corpo das atletas se faz presente, sendo que a mídia esportiva contribui para esse processo.

No que se refere à cobertura midiática sobre a atuação de mulheres no esporte, casos de machismo são relatados todos os dias na mídia esportiva. Uma análise dos Jogos Olímpicos pode nos render diferentes exemplos de como essa prática de hostilização é presente no mundo dos esportes.

Em estudo que analisou reportagens veiculadas pela mídia internacional sobre a participação de homens e mulheres atletas nos Jogos Olímpicos do Rio, Garcia e Pereira (2018) atestam que, mesmo com veiculação parecida no que se refere à quantidade de imagens expostas, a forma como mulheres e homens são “apresentados” se diferencia. Nesse contexto, os homens são retratados em momentos de vibração, exaltação com foco em suas musculaturas. Já as mulheres com rostos ocultos e em

⁴ Cabe destacar o recente caso da jogadora de vôlei da equipe do Vôlei Bauru, Tiffany Abreu, que tem a sua atuação questionada por ser uma atleta trans, competindo em uma equipe de mulheres na Superliga.

momentos como choro, abraços e risos, evidenciando um caráter passional para o esporte praticado por mulheres.

Os autores afirmam que pesquisas sobre mídias e esporte de mulheres são escassas e reproduzem binarismos, sexualmente marcados. Podemos inferir que tais imagens, ao atingir diferenciados públicos, atuam como pedagogias de gênero que instituem representações possíveis para a atuação de homens e mulheres no cenário esportivo. Em tal meio, homens parecem enaltecidos por suas capacidades e habilidades, fatos que atestariam suas virilidades. Mulheres são capturadas pelas lentes de plantão em momentos considerados “mais afetivos” e têm destacado suas formas “feminis” e beleza.

[...] concordamos que a mídia, ainda que de forma implícita, sustenta-se como uma ferramenta que propaga as desigualdades de gênero na sociedade, uma vez que se utiliza de padrões de corpos “perfeitos” conforme a classificação dos sexos e imposição de estereótipos para ambos (GARCIA; PEREIRA, 2018, p. 206 destaques dos autores).

Cabe destacar que as análises dos autores não problematizam as diferentes feminilidades e/ou masculinidades que também estabelecem regras de inteligibilidade para atletas. Ou seja, homens que não performatizam determinados padrões de masculinidade são alvos de rechaço dentro do próprio grupo, sendo a recíproca verdadeira, conforme atesta Grespan (2015). De acordo com Butler (2003) somente os corpos que entram em coerência com o modelo de inteligibilidade produzido pelos regimes de verdade do gênero é que são considerados como legítimos. Assim, é preciso manter uma coerência entre sexo biológico, performance de gênero e orientação do desejo⁵.

Em um breve histórico sobre os Jogos Olímpicos da Era Moderna, percebemos que as mulheres apenas começaram a participar das competições em 1900, e com várias restrições (GOELLNER, 2016). As duas únicas modalidades oferecidas foram golfe e tênis, contando apenas com 16 participantes. Segundo Goellner (2016), modalidades consideradas masculinas, como as lutas, apenas foram abertas a elas após um século de existência dos Jogos.

⁵ Macho, masculino e heterossexual ou fêmea, feminina e heterossexual. As representações de masculinidade e feminilidade também seguem rígidos esquemas, pois, nem todas as masculinidades ou feminilidades são consideradas como “apropriadas” para serem performatizadas pelos corpos.

Enquanto os homens sempre foram incentivados a praticarem esportes, as mulheres eram afastadas desse cenário, inclusive por dispositivos jurídicos. No Brasil, houve o Decreto-Lei 3199/41, que proibia mulheres de praticarem esportes considerados, na época, como “incompatíveis” com o organismo feminino (considerado como frágil, delicado etc.). Dessa maneira, modalidades como lutas, futebol de salão, rúgbi e halterofilismo, por exemplo, não poderiam ser praticadas por elas (PRADO; ALTMANN; RIBEIRO, 2016; SALVINI; MARCHI-JÚNIOR, 2013).

É comum que mulheres atletas sofram preconceito de gênero, principalmente se elas praticarem esportes considerados como masculinos, ou seja, aqueles que são representados como mais “agressivos” e “violentos” (GRESPLAN, 2015).

Em relação às atletas e ao modo como elas são retratadas pela mídia, há grande disparidade em relação aos homens. Goellner (2007b) explicita esse fato, tendo como exemplo a maneira com que a morte de uma alpinista foi retratada por um jornal inglês. A atleta obteve várias conquistas durante sua carreira e morreu quando descia a montanha K2⁶. A mídia a representou como "uma mãe inapta e 'obcecada' pelo desejo de chegar ao topo" (GOELLNER, 2007b, p. 3 destaque da autora)". Na mesma época, dois alpinistas homens morreram enquanto desciam a mesma montanha e foram retratados "como homens 'de grande integridade e tremenda estatura'." (GOELLNER, 2007b, p. 3).

Nesse mesmo estudo, Goellner (2007b) explicita o fato de que as mulheres atletas são retratadas pela mídia por sua beleza, e não pelas suas habilidades motoras. A centralidade está sempre no fato de elas serem bonitas e terem corpos esculturais, ao invés de se destacarem pelas horas incessantes de treinos e investimentos no esporte.

Outro ponto a ser destacado é a performance de gênero que parece ser acionada quando mulheres adentram ao cenário esportivo. Mulheres atletas parecem precisar performatizar o gênero de acordo com certa representação de feminilidade para que seus corpos se tornem coerentes. Em sua investigação, Liston (2006) demonstra que algumas atletas atestam que performatizar certa representação de feminilidade era importante por conta de “passar” uma imagem feminina da mulher, no caso, na prática do rugby.

⁶ A montanha K2 é a segunda maior montanha do mundo, com 8.611 metros de altura. Está situada ao norte do Paquistão, em um maciço de montanhas que se chama Karakorum, a porção ocidental e mais “selvagem” do Himalaia. Cf. <http://www.niclevicz.com.br/o-projeto-k2-parte-um/>

Com isso, devemos problematizar também que quando mulheres atletas fogem da representação de gênero considerada como adequada para seus corpos, sofrem um duplo preconceito: por adentrar a um espaço social considerado como próprio para homens e por produzir em seus corpos modelos de feminilidade não considerados como “normais”.

Nesse sentido, para o contexto atual, caberia indagar: a representação dos esportes como cenário masculino e casos de machismo direcionados às mulheres atletas ainda são possíveis de serem visibilizados? De que maneira as atletas são representadas pelo social?

Mais especificamente, para os objetivos deste artigo questionamos: de que modo a mídia esportiva representou mulheres atletas a partir da cobertura dos Jogos Olímpicos sediados no Rio de Janeiro em 2016?

2- METODOLOGIA

A pesquisa caracterizou-se como de abordagem qualitativa, com delineamento de análise documental. A pesquisa documental pode ser definida como "o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares" (GODOY, 1995, p. 21). Esses materiais podem ser jornais, revistas, diários, cartas etc. Uma das vantagens desse tipo de análise é a possibilidade de se pesquisar sobre indivíduos os quais o acesso físico não é possível.

As reportagens que compuseram nosso campo analítico foram veiculadas pelo site *El País – Brasil*⁷ que publicou em suas páginas uma compilação de 9 (nove) conteúdos divulgados na época das Olimpíadas do Rio de Janeiro por diferentes grupos midiáticos e que, a partir da análise da redação do jornal em questão, foram consideradas machistas (FERRERO, 2016).

Todavia, a partir das nove reportagens, foram criados alguns critérios para a seleção do conteúdo que passaria pelas análises, devido a algumas apontarem para

⁷ O *website* foi selecionado devido a sua visibilidade no cenário nacional e internacional. Além de ser o jornal mais lido na Espanha, a edição brasileira está entre os 6 *webjornais* mais lidos no país (EL PAÍS, 2016). Segundo seu site, com apenas quatro anos de existência, o jornal se transformou em referência, somando 6,5 milhões de leitores no mês de setembro de 2017. Neste mesmo mês, o número de visitas aumentou 22% em relação ao ano anterior. Partimos do pressuposto de que, devido ao crescente aumento do número de acessos, as nove reportagens foram visualizadas por um grande número de leitores/as.

temas similares. Após a leitura do material, foram criadas categorias temáticas para agrupar matérias que se assemelhassem. As categorias elaboradas foram: 1) Relação entre estética corporal e performance; 2) Justificativa para seus desempenhos pela ótica masculina e; 3) Comparação de suas atuações com atletas homens. Para os propósitos do presente artigo, apresentamos as análises de uma reportagem por categoria.

Quadro 1 - Divisão das nove reportagens por categorias temáticas

Categorias	Número de reportagens
Relação entre estética corporal e performance	5
Justificativa para seus desempenhos pela ótica masculina	2
Comparação de suas atuações com atletas homens	2

Fonte: dos autores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estética corporal e a performance

A reportagem “A goleira ‘sem complexos’ que pesa 98 quilos e come hambúrgueres?” apresenta em seu conteúdo as seguintes informações:

O jornal esportivo *Marca* registrava a surpresa dos fãs diante da “destreza” da goleira do time de feminino de handebol de Angola, Teresa Almeida, apesar de seu “sobrepeso”. **“Teve cerca de 34% de acertos, mas o que realmente cativou o pessoal foi sua flexibilidade com o corpo que tem”**, diz um artigo totalmente focado no físico da esportista. Por mais que a própria Almeida fale com a publicação sobre seu corpo e dê várias declarações sobre como se sente sendo a **“goleira da gordura”**, o que verdadeiramente indignou o Twitter foi a forma como o jornal *vendeu* a notícia nas redes sociais. Os ícones que acompanham o título (a saber: hambúrgueres, batatas fritas e um gato morrendo de rir) só aumentaram a polêmica. O tuíte da discórdia foi apagado. (EL PAÍS-BRASIL, 2016, grifos nossos).

A reportagem ainda afirma que a atleta, mesmo considerada “gorda” pelo jornalista, “Teve cerca de 34% de acertos, mas o que realmente cativou o pessoal foi sua flexibilidade com o corpo que tem”. A análise a ser realizada se relaciona com a “incapacidade” de demonstração de altas habilidades e capacidades para os corpos que fogem do padrão. Como a “gorda” poderia ser tão flexível?

O esporte também é um campo normalizador de corpos (ADELMAN, 2006). O que parece demonstrar espanto do repórter são os contornos corporais da atleta, que

foge do padrão esperado para quem se submete a extenuantes horas de treinamento físico.

Controlar o corpo feminino pode ser considerado uma manobra das estratégias machistas para exercer poder sobre a mulher e dominar suas ações. Segundo Castañeda (2006), o machismo dita várias regras sobre o que é “ser” homem e o que é “ser” mulher. Dessa maneira, cabe aos homens decidir o que é bonito ou não para o gênero oposto, e “aquela” que não se adequar ao padrão passará a ser desqualificada.

Esse controle ainda é exercido no esporte. Determinadas mídias, como as reportagens aqui analisadas, parecem fazer questão de sempre mostrar à mulher como ela deve se adequar dentro do padrão magro, esbelto e considerado atrativo (ADELMAN, 2006; GOELLNER, 2007a; FERNANDES; MOURÃO; GOELLNER; GRESPAN, 2015). Assim, mulheres que possuem corpos destoantes, que não se enquadram, quebram barreiras e são consideradas “anormais”, sendo motivo de insinuações como a descrita na reportagem.

Além disso, a falta de flexibilidade está relacionada à inatividade física e não ao peso corporal. Ou seja, uma pessoa sedentária, ainda que magra, pode ser menos flexível que a atleta “gorda” angolana.

Sendo assim, um corpo feminino que se afasta do padrão considerado “normal” é alvo de olhares tendenciosos. No caso da reportagem, tais olhares impedem de analisar o desempenho da atleta com base em critérios como capacidade física e habilidades motoras, focando a atenção para um “corpo fora da norma”, estranho, esquisito. O destaque dado pela reportagem, ao atribuir o título de “goleira da gordura” à atleta, remete a pensar em uma estratégia de desqualificação de seu corpo e desempenho.

Dessa maneira, caberia indagar: até que ponto atletas possuem liberdade para construir os seus corpos de acordo com o que acham adequado? Nesse sentido, parece que nem todas as modalidades são “adequadas” para mulheres, pois as que possuem características masculinizantes não produzirão os corpos “ideais”.

Por que chamar a atenção, na reportagem, para o corpo da mulher, em uma tentativa de menosprezar o corpo da atleta em foco? Ao nomeá-la “goleira da gordura”, o texto parece objetivar a desqualificação de sua performance, bem como construir um universo jocoso para que a reportagem seja compreendida.

Justificativa para seus desempenhos pela ótica masculina

A reportagem "Hosszu, a nadadora que bateu o recorde mundial 'graças a seu marido'" foca na representação do marido, ao invés da atleta, como justificativa para seu desempenho:

No sábado passado, a nadadora húngara Katinka Hosszu quebrou o recorde mundial nos 400 metros, um feito que conseguiu **"graças a seu marido"**, segundo alfinetou ao vivo Dan Hicks, comentarista da rede de TV *NBC*. **"Ele é a pessoa responsável por este triunfo. É preciso notar como mudou a motivação dela desde que começou a ser treinada por ele. É medo ou confiança o que a está ajudando neste processo?"**, comentou o jornalista. Parece que Hicks esqueceu que a nadadora já foi campeã da Europa em 2010 (para citar apenas um dos títulos que ostenta), dois anos antes que seu atual marido começasse a treiná-la e três anos antes de se casar com ele. (EL PAÍS-BRASIL, 2016, grifos nossos).

Segundo o comentarista da TV *NBC* (*National Broadcasting Company*), a nadadora húngara apenas conseguiu quebrar o recorde mundial por ter sido treinada pelo seu marido, o que parece querer atenuar o mérito da atleta. Apesar de já ter conquistado vários títulos antes que seu marido fosse seu treinador, tal fato foi ignorado pelo comentarista, que atribuiu o mérito dela a um homem.

Como explicado anteriormente, o machismo é um conjunto de relações sociais baseadas em dois pensamentos básicos: o de "superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes" e a polarização dos sexos, ou seja, "uma contraposição do masculino e do feminino, segundo o qual não são apenas diferentes, mas mutuamente excludentes" (CASTAÑEDA, 2006, p. 16).

O conceito proposto pela autora parece encontrar nos esportes um cenário produtivo, pois a própria reelaboração dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, proposto por Pierre de Coubertain, foi considerada um espaço de visibilidade masculina no qual a mulher, como "ser inferior", não teria espaço. A entrada no mundo esportivo era policiada com a intenção de fazer com que as mulheres dele se afastassem, pois "elas" poderiam "sujar" aquele lugar destinado à vitória dos homens (GOELLNER, 2016).

O esporte ainda parece carregar representações de que a mulher é inferior ao homem, usando de mecanismos que coloquem o feminino à sombra do masculino. A reportagem em análise parece enaltecer a figura masculina (a do marido e técnico) como responsável pela alta performance da atleta, ou seja, aloca a mulher à "sombra do homem".

Castañeda (2006) mostra que o machismo se reproduz ao invisibilizar mulheres, deslegitimando tudo relacionado a elas. Dessa maneira, quando a reportagem destaca que o desempenho da atleta só foi possível “graças a seu marido” percebemos que sua conquista parece ser “esquecida” e atribuída ao homem.

A mesma autora ainda argumenta sobre como a desqualificação é uma “arma privilegiada do machismo” (CASTAÑEDA, 2006, p. 108). Como no esporte o homem é considerado superior à mulher, desqualificar suas qualidades e triunfos é uma maneira de estabelecer seu poder sobre elas. Portanto, a partir do momento em que a reportagem afirma que **“ele é a pessoa responsável por este triunfo. É preciso notar como mudou a motivação dela** desde que começou a ser **treinada por ele**. É medo ou confiança o que a está ajudando neste processo?” o comentarista estabelece uma desqualificação da preparação da atleta e seu desempenho na competição, desvelando como o cenário esportivo ainda é machista, o que pode ser considerado uma estratégia privilegiada do homem para subjugar a mulher.

Goellner (2012) aponta diferenças no esporte de alto rendimento entre as modalidades femininas e masculinas. Além da menor visibilidade, as atletas “femininas” sofrem com menores incentivos, salários, patrocínios e premiações. Sem levar em conta os casos de assédio sexual e moral que são comuns nesse meio esportivo. No entanto, se, independente do gênero, mulheres e homens podem ser atletas, muitas vezes da mesma modalidade, por que ainda existem tantas desigualdades?

Posto isso, infere-se que o cenário esportivo é altamente androcêntrico e tudo que confronta essa ideia, sofre, de alguma maneira, opressão, seja por meio de ridicularização ou subjugação.

Comparação de suas atuações com atletas homens

Por fim, a reportagem “Katie Ledecky é muito boa porque 'nada como um homem' (nossa!) - Ryan Lochte” foca na comparação da mulher com o homem:

Katie Ledecky conseguiu o ouro batendo o recorde mundial nos 400m livres. Esta jovem, que já havia ganhado um ouro olímpico aos 15 anos, tem nove títulos mundiais e bateu 12 recordes mundiais com menos de 20 anos, **deve todo seu sucesso ao fato de nadar “como um homem”**. Pelo menos, assim afirmou o também nadador Ryan Lochte, destacando que isso é o que a diferencia das outras. **“Nada como um homem. Sua braçada, sua mentalidade, sua força... não vi isso em nenhuma outra garota.”** Sem comentários. (EL PAÍS-BRASIL, 2016, grifos nossos).

De acordo com Ryan Lotche, a nadadora Katie Ledecky (que, inclusive, foi recordista mundial com idade mais jovem do que a do nadador, quando este conquistou o recorde mundial) apenas conseguiu a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos do Rio, pois ela seria “mais forte” e “mais veloz”, tal como os homens. O nadador, além de menosprezar as mulheres, parece não reconhecer o mérito da atleta que se dedica ao esporte desde os 6 anos de idade e não perde uma prova desde os 13 anos.

Dessa maneira, percebe-se a subjugação da atleta e de seus méritos, assim como tudo o que é considerado feminino. Segundo Weeks (1999 apud BARRETO, 2016) o gênero também é uma relação de poder, em que tudo que é considerado feminino é um produto de poder dos homens. O esporte também é produto de poder masculino, por isso a falta de visibilidade ou a comparação da performance de mulheres, tendo o masculino como padrão, pode ser considerada como um dos vieses da opressão feminina. Parece ser essa a representação que perpassa a fala do nadador ao analisar a performance da atleta, pois ela “deve todo seu sucesso ao fato de nadar “como um homem”.

Cabe destacar ainda que, como apontado por Wanneberg (2011), para além das comparações, o corpo da mulher atleta também passa a ser objetificado e representado como um produto de desejo. Além disso, resgatando o conceito de gênero proposto por Scott (1995) em que as construções sociais sobre homens e mulheres geram relações de poder, nota-se no esporte uma distinção entre o masculino e o feminino. As representações produzidas para o primeiro remetem a características de força, agilidade e rapidez. O segundo termo apresenta produções socioculturais que atribuem valores de graça, leveza e precisão (GONÇALVES, 2008). Na reportagem analisada, o fato de ter sua performance atribuída a “Nada[r] como um homem” parece justificar a potência de sua “braçada, sua mentalidade, sua força...” pois, como força, potência e racionalidade são atributos de gênero esperados para homens, são características que o nadador parece ocultar quando aparentes em mulheres: “não vi isso em nenhuma outra garota”.

A partir da lógica binária, o homem passa a ser considerado “superior” em relação à mulher. Segundo Goellner (2016), esse raciocínio se aplica no esporte, partindo da premissa de que o homem, por ter níveis mais elevados de testosterona,

possui melhor rendimento atlético, é mais forte e mais veloz. Dessa maneira, quando Ryan Lotche destaca características como “sua força”, ele a compara com um homem, pois mulheres são consideradas inferiores e pressupõe-se que não conseguem ser tão fortes. Talvez por isso Liston (2006) notou que algumas atletas performatizam uma feminilidade considerada como adequada para mulheres para que não sofram preconceitos.

Quando uma atleta mulher demonstra capacidades como força, velocidade e agilidade, parece que, por alguns discursos sociais, devem ser comparadas ao homem, pois assim se distinguiria o masculino e o feminino, principalmente no esporte. Como, para o pensamento social, os homens são os “detentores” da força, desde o começo da inserção feminina no cenário de alto rendimento, atletas mulheres com corpos e performances acima da média passaram a ser submetidas a diferentes exames para comprovar seu gênero (GOELLNER, 2016).

Porém, sabe-se que hoje em dia essas ideias se encontram em desconstrução. Mulheres competem nas mesmas modalidades que homens, treinam com e como eles e conquistam legitimidade. Portanto, qual a razão para ainda compará-las a homens? Só são muito boas porque são “como homens”?

Assim, visto que na atualidade mulheres apresentam, cada vez mais, altas performances, pressupomos que não há necessidade de compará-las a homens. As análises deveriam focar no seu desempenho e no trabalho técnico, tático e físico que toda/o atleta se submete para despontar no contexto dos Jogos Olímpicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos que as reportagens em tela parecem reproduzir discursos machistas e misóginos existentes na sociedade. Na primeira reportagem, o fato de um homem ridicularizar o corpo da jogadora, na tentativa de enquadrá-la no padrão corporal “esperado” para uma atleta, parece explicitar estratégias de controle sobre o corpo da mulher. Dessa maneira, corpos fora do padrão são considerados abjetos e devem ser ridicularizados

A segunda reportagem é explícita em relação à subjugação do feminino. A performance da atleta foi submetida a uma estratégia de desqualificação, como se fosse “incapaz” de conseguir algo sozinha, sem um homem, posicionando-a à sombra da representação masculina.

Já na terceira matéria analisada, parece ecoar um discurso de comparação com o masculino, em que, naquele universo, uma mulher só obtém uma alta performance porque se parece com um homem. Apesar de tantas mudanças no cenário esportivo, ainda há a ideia de que é natural ao gênero masculino ter força, velocidade e agilidade. Quando uma mulher apresenta esses atributos, é estranha e foge do padrão de “delicada”, considerado como o esperado para o feminino.

Portanto, as reportagens (todas escritas por homens) se mostram transpassadas por um discurso binário, em que o feminino é considerado como inferior ao masculino. Além disso, pode-se compreender o machismo como uma das estratégias sexistas de tentativa de controle dos corpos de mulheres.

Em resposta ao objetivo traçado, nas reportagens analisadas as performances das mulheres atletas nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro foram representadas pela mídia esportiva a partir da ótica do não reconhecimento de seus desempenhos e desqualificação do alto grau de treinabilidade de seus corpos. Nelas, a inadequação corporal para o considerado como “feminino”, o crédito do feito da atleta com base em figuras masculinas e a comparação com o desempenho de homens, são destacadas. A figura da mulher, quando não rechaçada pela sua composição corporal, passa a ser desqualificada ao evocar o homem como medida padrão para comparação de performances no mundo esportivo.

Cabe ainda destacar que estudos que problematizem representações de mulheres atletas produzidas pela mídia esportiva carecem de maiores análises. Um dos limites do presente estudo se caracteriza pelo pequeno universo amostral elaborado. Faz-se também importante investimento em análises que desvelem as hierarquias produzidas entre as performatizações de feminilidade, apontando em que medida algumas performances de gênero no corpo de mulheres possuem mais relevância do que outras no plano de coerência social.

Por fim, percebe-se a necessidade da continuidade de estudos nessa linha para que, cada vez mais, compreendamos o mundo esportivo como cenário transpassado pelas relações de gênero, mobilizando ações para enfrentar as desigualdades e preconceitos existentes no esporte de alto rendimento, quando praticado por mulheres.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-29, jan./abr. 2006.
- BARRETO, S. A representação feminina na mídia esportiva: o caso Fernanda Colombo. **Observatorio Journal**, Pernambuco, v. 10, n. 1, p. 137-149, jan. 2016.
- BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. A reversão do hiato de gênero na educação brasileiro século XX. **Cadernos de Pesquisa**, Minas Gerais, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.
- CONTI, M. A.; BERTOLIN, M. N.; PERES, S. V. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer?. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 2095-2103, 2010.
- BRASIL. Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 3 set. 2018.
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOZO, G. L. O Pós-Estruturalismo e suas influências nas práticas educacionais: a pesquisa, o currículo e a “desconstrução”. **Pensares em Revista**, São Gonçalo, n. 4, p. 118-134, jan./jul. 2014.
- CASTAÑEDA, M. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa, 2006.
- DRUMONT, M. P. Elementos para uma análise do machismo **Perspectivas**, São Paulo, v. 3, p. 81-85, 1980.
- EL PAÍS BRASIL. El País, o jornal digital em espanhol mais lido do mundo. **El País Brasil**, Madri, 23 nov. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/22/actualidad/1479853627_478107.html>. Acesso em: 5 abr. 2018
- FERNANDES, V.; MOURÃO, L.; GOELLNER, S. V.; GRESPAN, C. L. Mulheres em Combate: representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA. **Revista Educação Física/UEM**, Maringá, v. 26, n. 3, p. 367-376, 3. trim. 2015.
- FERRERO, C. Os 9 títulos mais machistas dos Jogos Olímpicos do Rio. **El País Brasil**, [S.l.], 10 ago. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/estilo/1470770467_506561.html>. Acesso em: 9 dez. 2017.
- GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. Gênero e imprensa internacional: um relatório sobre a representação de atletas nos Jogos Olímpicos Rio-2016. **R. Intellig. Compet.** São Paulo, v. 8, n. 2, p. 200-210, abr./jun. 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/258-957-1-PB.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

- GOELLNER, S. V. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, jan./mar. 2016.
- GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes. Questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171-196, mai./ago. 2007a.
- GOELLNER, S. V. O Esporte e a Cultura Fitness como Espaços de Generificação dos Corpos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007b, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: Editora, 2007b. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/096.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, Brasília, n. 4, dez. 2012.
- GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. *Revista de Administração de Empresa*, São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29, mai./jun. 1995.
- GONÇALVES, A. L. Gênero e história das mulheres na historiografia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n. 3, p.1107-1133, set./dez. 2008.
- GRESPLAN, C. L. **Mulheres no Octógono**: performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades. Curitiba: APPRIS, 2015.
- GUAZINA, L. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 49-64, jul./dez. 2007.
- HIRATA, H.; LABORIE, F.; DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Orgs.). **Dicionário Crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.
- JAEGER, A. A. Gênero, Mulheres e Esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199- 210, jan./abr. 2006.
- LISTON, K. Sport and gender relation. **Sport in society**, v. 9, n. 4, p. 616-633, 2006. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17430430600768868>>. Acesso em: 30 mai. 2019.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.
- MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, a. VII, n. 13, p. 5-18, 2000.
- PRADO, V. M.; ALTMANN, H.; RIBEIRO, A. I. M. Condutas naturalizadas na educação física: uma questão de gênero? **Currículo sem Fronteiras**, , v. 16, n. 1, p. 59-77, jan./abr. 2016.
- PRADO, V. M.; NOGUEIRA, A. L. G. A. Transexualidade e esporte: o caso Tiffany Abreu em “jogo”. *Revista Eletrônica Interações Sociais*. Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 60-72, jan./jun. 2018.
- PFISTER, G. Líderes femininas em organizações esportivas – Tendências mundiais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 11-35, mai./ago. 2003.

PROCÓPIO, L.; VALENÇA, J. Machismo invisível e exercício profissional. In: COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES: GÊNERO E SEXUALIDADES, 12., 2016, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: Realize Eventos, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053MD4_SA8_ID1613_29042016184722.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2018.

RISCADO, L. C.; PERES, S. O. Contribuição da categoria gênero para os estudos sobre adolescência e juventude no âmbito da psicologia e das ciências sociais como meio de evidenciar a permanência das desigualdades e a necessidade de enfrentar a exclusão social". **Revista Ártemis**, Rio de Janeiro, v. 9, p.77-91, dez. 2008.

SALVINI, L.; MARCHI-JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 95-115, jan./mar. 2013.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-91, jul./dez. 1995.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WANNEBERG, P. L. The sexualization of sport: a gender analysis of Swedish elite sport from 1967 to the present day. **European Journal of Women's Studies**, V. 18, n. 3, p. 265-278, 2011. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1350506811406075>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, a. 9, p. 460-482, 2001.

WOLF, N. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.